

**“Entre o Raio e a Palavra: Cognição e Emoção na Emergência da Consciência
em Contextos de Trauma”**

LENIDE ALVES PEREIRA

SORRISO

2025

LENIDE ALVES PEREIRA

“Entre o Raio e a Palavra: Cognição e Emoção na Emergência da Consciência em Contextos de Trauma”

Este artigo tem como objetivo
avaliar o aprendizado dos mestrandos acerca dos conteúdos
trabalhados na disciplina de Neurociências e Competências Digitais.

Prof.^a Dra Susane Garrido

SORRISO

2025

“Entre o Raio e a Palavra: Cognição e Emoção na Emergência da Consciência em Contextos de Trauma”

Lenide Alves Pereira¹

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão da interdependência essencial entre a emoção e a cognição, utilizando como lente de análise as teorias de Stiven Pinker, especialmente no capítulo 6 “Desvairados” da obra *Como a Mente Funciona*, e de Antônio Damásio, com base no capítulo I – SENTIR & SABER – AS ORIGENS DA CONSCIÊNCIA. A reflexão ancora-se em um relato autobiográfico singular: Uma criança, em meio ao luto profundo pela perda repentina do pai no primeiro dia de aula. Mergulha em um ambiente familiar analfabeto e isolada do sistema escolar por um ano, a criança, munida unicamente da cartilha “O Tufão”, envolveu-se em um intenso e solitário processo imaginário – criando narrativas, personagens e cenários – que resultou na aquisição da leitura e da escrita sem instrução formal. Argumenta-se que este fenômeno ilustra duas teses complementares: 1) Na perspectiva de Damásio, (Cap. I) o trauma desestabilizou violentamente a homeostase (a regulação da vida), gerando um *sentimento* de dor e caos. A jornada cognitiva para a alfabetização representa a passagem do puro *sentir* para o desenvolvimento de um *saber* complexo, uma sofisticada estratégia para restaurar a ordem interna e a previsibilidade. 2) Em consonância com a perspectiva de Pinker (Cap. 6, “Desvairados”), a emoção avassaladora do luto funcionou não como um bloqueio, mas como um poderoso mecanismo computacional adaptativo, estabelecendo uma meta de alta ordem para essa estratégia: encontrar sentido e controle. O profundo trabalho imaginativo com a cartilha foi o mecanismo computacional através do qual a mente, impulsionada pela necessidade primária de sentir-se segura, executou a tarefa de decodificar a linguagem. O caso demonstra de forma contundente que a emoção é uma força motriz e estruturante, capaz de catalisar saltos cognitivos extraordinários e de moldar a própria arquitetura da mente consciente.

PALAVRAS-CHAVE: Cognição e Emoção. Consciência. Luto. Alfabetização Espontânea. Antônio Damásio e Steven Pinker.

¹proflenide@hotmail.com

Reflexão acerca das Teorias da Cognição Humana de Steven Pinker e da Consciência de Antônio Damásio: Uma Análise da Emoção como Catalisadora da Aprendizagem

INTRODUÇÃO

A relação entre a emoção e a cognição tem sido uma das áreas mais admiráveis e minuciosas de investigação das neurociências e da psicologia. Historicamente tidas como forças antagônicas – a razão pura de um lado e a paixão avassaladora de outro – A ciência moderna tem revelado uma interdependência muito mais profunda e simbiótica entre esses dois domínios da experiência humana. Longe de serem opostos, esses domínios se revelam complementarmente estruturantes na formação da consciência, na organização do pensamento e na aquisição do conhecimento. Este artigo científico submerge nesta intersecção a partir de um fato verídico e extraordinário que desafia as noções convencionais de aprendizagem. Na década de 1970, uma criança inicia o ano letivo com um único dia de aula. Ainda nesse mesmo dia, o pai – figura central de amparo afetivo e organizador familiar – morre tragicamente ao ser atingido por um raio. A tragédia coloca a família, inteiramente analfabeta, em um luto profundo que dura mais de um ano, suspendendo a vida e a educação formal dos filhos. Neste contexto de desolação, a criança, isolada do mundo e da pedagogia, encontra refúgio em uma mangueira no quintal de casa, de posse do único material escolar que recebera: uma cartilha intitulada “O tufão”. Sem saber ler, ela se dedica a um profundo exercício imaginativo, criando personagens, cenários e narrativas a partir das imagens e da forma das letras. Um ano depois, ao retornar à escola, constata-se o impensável: a criança estava plenamente alfabetizada, lendo e escrevendo com fluidez, para espanto de todos. Como o luto e a criatividade se combinaram em um processo espontâneo de aquisição da linguagem escrita?

Este fenômeno singular serve como ponto de partida para explorar as teorias de dois dos mais renomados pensadores sobre a mente humana: o psicólogo cognitivo Steven Pinker e o neurocientista Antônio Damásio. Propõe-se um diálogo entre a análise da cognição humana abordada por Pinker, com base em seu capítulo 6 –

“Desvairados” – e a fundamental teoria da consciência e da emoção de Damásio, delineada no capítulo 1 de sua obra “Sentir & Saber: As Origens da Consciência”. Exploraremos como a emoção intensa pode atuar como um catalisador da cognição. Simultaneamente, analisaremos, à luz das ideias de Pinker, como estruturas inatas da linguagem e mecanismos mentais automatizados podem ter permitido que a criança internalizasse regras linguísticas a partir de estímulos mínimos, mediados pela emoção.

Nota-se que este caso de alfabetização espontânea não é uma anomalia, mas uma poderosa ilustração da tese de que a emoção não é um ruído no sistema cognitivo, mas sim um andaime crucial para a construção do conhecimento e da própria consciência. Sob a luz de Damásio, argumenta-se que o intenso estado emocional do luto, longe de apenas paralisar, pode ter funcionado como um marcador somático de extrema relevância, concentrando a atenção e a energia mental da criança no único objeto que simbolizava uma conexão com o mundo exterior e a normalidade perdida: a cartilha. Concomitante a teoria de Pinker sobre a mente como um sistema computacional complexo nos ajudará a especular sobre os mecanismos cognitivo em jogo. A imersão em um processo de “engenharia reversa” da linguagem – onde a criança, por meio da imaginação e criação de histórias, inferia as regras e os padrões da escrita – pode ter sido catalisada e intensificada pelo estado emocional agudo.

Este artigo irá, portanto, tecer uma análise que conecta o trágico ao cognitivo, o sentimento ao saber. Partindo das contribuições de Damásio acerca da origem da consciência nos sentimentos e a visão de Pinker sobre a arquitetura da cognição, pode-se oferecer uma reflexão teórica sobre como um acontecimento de profundo impacto emocional podem esculpir e, em circunstâncias excepcionais, acelerar drasticamente os caminhos da aprendizagem humana.

OBJETIVO GERAL

Analisar a intersecção entre cognição e emoção, à luz das teorias de Steven Pinker acerca da mente humana (com foco no capítulo 6 de “Como a Mente Funciona”) e da concepção de consciência de Antônio Damásio (Capítulo I de “Sentir & Saber – as origens da Consciência”), a partir da análise de uma experiência autobiográfica de

alfabetização espontânea ocorrida sob forte carga emocional e privação educacional. O estudo visa explorar como processos cognitivos complexos, como a alfabetização, podem ser moldados e impulsionados por estados emocionais intensos e pela resiliência individual, questionando as fronteiras tradicionais entre o desenvolvimento cognitivo inato e a influência do ambiente.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- **Analisar a interação entre os processos cognitivos e emocionais da aquisição da leitura** – Investigando como o luto e a resiliência emocional podem ter influenciado o desenvolvimento da sua capacidade de leitura e escrita, mesmo na ausência de instrução formal. Para tanto, buscar-se-á pontos de convergência e divergência nas perspectivas de Pinker sobre o pensamento racional e de Damásio no que se refere ao papel das emoções na consciência e na tomada de decisões.
- **Explorar as possíveis contribuições das teorias de Steven Pinker sobre a linguagem e a cognição humana para explicar a singularidade do seu processo de alfabetização** – considerando o capítulo 6 de “Desvairados”. Isso atribuirá a investigação de como a capacidade inata para linguagem, proposta por Pinker, pode ter se manifestado em um ambiente de privação de estímulos formais, mas enriquecido por uma intensa atividade imaginativa.
- **Investigar, com base na teoria de Antônio Damásio, como os sentimentos e a dor emocional podem atuar como catalisadores da consciência e da aprendizagem** – mesmo em contextos de trauma e privação.
- **Explorar a interação entre cognição e emoção no processo de alfabetização não convencional** – considerando a ausência de estímulos formais e a presença de um vínculo afetivo com único objeto simbólico (a cartilha “O Tufão”).
- **Refletir sobre a plasticidade cerebral e a emergência da consciência a partir de experiências emocionais intensas** – conforme discutido por Damásio, e como isso pode explicar o desenvolvimento de habilidades cognitivas em situações-limite.
- **Relacionar os conceitos de modularidade da mente (per) e sentimento como base da consciência (Damásio)** – para compreender como a imaginação e a criação de narrativas podem ter servido como ferramentas cognitivas e emocionais de sobrevivência e desenvolvimento.

A Cartilha e a Mangueira: Como a Dor Virou Letras

Era março de 1970 - meu primeiro dia de aula, meu pai faleceu. Ele era a base para todos, em todos os sentidos, tanto para os familiares dele como para os familiares de

*minha mãe. Ele estava em plena ascensão financeira. Em uma tarde, veio um temporal, juntamente com este um raio, meu pai foi atingido por este fenômeno e veio a falecer. Com este trágico fato, a vida de todos deteriorou-se, por mais de um ano, todos só viveram o luto dessa tragédia. Nesse ano em que houve o trágico falecimento de meu pai, eu não voltei mais para escola, aliás nem eu nem meus irmãos. Na minha família, todos eram analfabetos. Na minha casa não tinha nenhum livro, exceto uma cartilha “O Tufão”, que ganhei na escola no meu primeiro e único dia de aula. Enquanto todos, durante o resto do ano, viviam o luto da morte de meu pai, eu me agarrava com minha cartilha “O Tufão”, subia em uma mangueira (pé de mangas) que tinha no fundo do quintal – nós morávamos em uma casa enorme, meu pai recentemente tinha comprado um hotel e transformado na nossa casa, para que todos vivessemos confortavelmente, enfim, eu com essa cartilha, nesse pé de mangas, eu contava histórias, inventava personagens, criava cenários, inventava histórias, narrava, criava desfecho, **mas tudo isso na minha imaginação, pois eu não sabia ler**, nunca tinha visto uma escrita, exceto no único dia que fui à escola, que por sinal, aula mesmo foram poucos os minutos. No ano seguinte, quando voltei para escola, um ano depois do meu primeiro dia de aula, quando a professora escreveu o cabeçalho na lousa, **EU LI TUDO**. Todos na escola ficaram admirados, como eu tinha aprendido a ler? Se eu tinha ido à escola uma única vez, na minha casa ninguém sabia ler e lá não tinha nenhum livro. Fizeram todos os testes (provinhas) e se constatou que eu estava alfabetizada, ou seja, eu sabia ler e escrever. Como aprendi, não sabíamos.*

DESENVOLVIMENTO

A imprevisível aquisição da alfabetização, em um cenário de profunda perda e ausência educacional formal, promove um ponto de partida ímpar para explorar a enigmática relação entre a **cognição** e **emoção**. Este desenvolvimento apresenta uma análise desse fenômeno com base nas teorias de Steven Pinker sobre a cognição humana e de Antônio Damásio no que diz respeito a consciência, com intuito de compreender como um acontecimento traumático pode, paradoxalmente, ter estimulado um salto cognitivo tão significativo.

O luto como Catalisador Cognitivo-Emocional

A trágica perda paterna, acontecida em seu primeiro dia de aula, deflagrou um período de luto avassalador para toda família. Entretanto, enquanto os outros se entregavam à dor, sua ação de se “agarrar” à cartilha “Tufão” e de se refugiar na mangueira, criando mundos imaginários e narrativas complexas, revela uma **resposta emocional única e adaptativa**. Segundo **Antônio Damásio**, em “Sentir & Saber – as origens da Consciência” (capítulo I), as emoções não são meros epifenômenos; elas são cruciais para a regulação da vida e para a construção da consciência. O seu ato de mergulhar na fantasia, mesmo sem saber ler, provavelmente seja como um mecanismo de **regulação emocional**, no qual a imaginação serviu como um refúgio e uma ferramenta para processar o trauma. Essa tarefa imaginativa forte, impregnada por sentimentos de perda e resiliência, pode ser estabelecido as bases para um estado de **protoconsciência**, assim como descrito por Damásio, onde os estados

corporais e as emoções se integram para formar uma representação primária do “eu” no tocante ao ambiente. A criação de personagens e cenários, mesmo que internos, designava um complexo processamento de informações e uma organização interna de ideias, ativando redes neurais que futuramente seriam primordiais para a leitura.

A Cognição Inata e a Gramática Mental: Perspectivas de Pinker

A habilidade de ler e escrever um ano após ter tido contato mínimo com a educação formal e em um ambiente familiar inteiramente analfabeto instiga as noções tradicionais de aprendizado. Neste caso, as ideias de Steven Pinker, especificamente as trabalhadas em “Desvairados” (Capítulo 6), acerca da **gramática mental** e a natureza inata da linguagem são particularmente relevantes. Pinker argumenta que os seres humanos têm uma predisposição biológica para a linguagem, uma “caixa de ferramenta” mental que nos permite adquirir e utilizar a linguagem de maneira complexa e intuitiva. Mesmo que você não soubesse ler no sentido convencional, a sua capacidade de “contar histórias, inventar personagens, criar cenários, inventar histórias, narrar, criar desfecho” evidencia um profundo domínio da estrutura narrativa e da lógica linguística. Essa atividade fantasiosa, mesmo sem acesso à escrita, pode ter reforçado e aprimorado essa gramática mental inata. A cartilha “O Tufão” apesar de não ser lida, talvez tenha funcionado como um **incentivo simbólico**, um objeto que representava o mundo da escrita e que, de alguma forma, ativou essa predisposição latente. Pode ser que seu cérebro, imerso em um estado de intensa atividade imaginativa e emocional, tenha “decodificado” os padrões da linguagem escrita de uma maneira não convencional, aproveitando essa arquitetura cognitiva inata para linguagem.

A Conexão Sincronizada: Emoção Modelando a Cognição

A episódio apresentado sugere que a **emoção não é apenas um acompanhante da cognição, mas um elemento ativo que pode moldá-la e impulsioná-la**. A intensidade do luto, a necessidade de processar a dor e a fuga para o mundo da imaginação criaram um ambiente neurológico e psicológico adequado para um aprendizado acelerado. A cartilha, vista por Damásio como um objeto que gerou **sentimentos positivos e de segurança** em meio à diversidade, pode ter funcionado como um “porto seguro” emocional. Essa **conexão emocional** com o objeto simbólico da leitura, em um momento de vulnerabilidade, possivelmente tenha gerado um estado de receptividade cognitiva extraordinária. A neuroplasticidade, associada à motivação intrínseca gerada pela necessidade de escape e de construção de sentido, é possível que tenha consentido que seu cérebro estabelecesse conexões neurais para leitura de forma autônoma e acelerada. Portanto, a capacidade de ler o cabeçalho um ano depois não seria um milagre, mas sim o resultado de uma intrincada dança entre uma mente inatamente predisposta à linguagem (Pinker), um cérebro que integra emoções e sentimento para construir a consciência (Damasio), e um evento traumático que, paradoxalmente, serviu como o catalisador para essa sincronia. Este fenômeno nos força a reconsiderar os limites do aprendizado formal e o poder da intersecção entre a cognição e a emoção na formação de novas habilidades.

Nesse sentido, a narrativa pessoal não é apenas um testemunho de superação, mas uma ilustração viva das teorias de Pinker e Damásio. A cognição não se desenvolve isoladamente da emoção, pelo contrário, é na dor, na ausência e na imaginação que a mente encontra caminhos alternativos para aprender, compreender e existir.

REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão da cognição humana e da consciência emocional tem sido objeto de estudo de diversos pensadores contemporâneos. Dentre os que embasaram este artigo científico destacam-se Steven Pinker, com sua abordagem evolucionista da mente, e Antônio Damásio, que propõe uma interdependência entre sentimento e razão como base da consciência.

1. A cognição como Produto da Evolução – Steven Pinker

No capítulo 6 da obra *Como a Mente Funciona*, intitulado “Desvairados”, Pinker investiga a mente humana como um sistema de órgãos de computação moldado pela seleção natural. Ele argumenta que a cognição não é um processo isolado, ao contrário, esta é extremamente influenciada por distintas emoções e vivências antepassadas. A mente, segundo Pinker, evoluiu para resolver problemas adaptativos, e isso inclui a capacidade de lidar com perdas, traumas e situações emocionalmente intensas.

A experiência narrada – a perda do pai no primeiro dia de aula e o subsequente processo de alfabetização autodidata – pode ser compreendido à luz da teoria de Pinker como evidência da plasticidade cognitiva humana. Mesmo em um ambiente pedagogicamente neutro, o cérebro foi capaz de construir estruturas linguísticas e narrativas a partir de uma única exposição escolar e de um forte impulso emocional.

De fato, o processo cognitivo pode eclodir diante de fatos distintos – na vida dessa criança ocorreram dois fatos cruciais e simultâneos – seu primeiro dia de aula e a perda de seu ente mais querido – diante desse trauma, talvez como fuga, ela precisasse preencher sua mente com algo mais alegre, daí as invenções, a mente primou pelas imagens, provavelmente como ela acreditou que seria a escola, portanto, realmente concordo com Steven Pinker – a mente evolui para resolver problemas adaptativos.

2. Emoção como Fundamento da Consciência – Antônio Damásio

No capítulo I de *sentir & Saber – As Origens da Consciência*, Damásio discorre que a consciência surge da interação entre o corpo e o cérebro, sendo os sentimentos o elo fundamental entre ambos. Ele afirma que somos “criaturas sensíveis que pensam e criaturas pensantes que sentem”. A cognição, portanto, não é dissociada da emoção, mas construída sobre ela.

Essa tese é ilustrada pelo fato pessoal narrado: o luto coletivo, o isolamento emocional e a ausência de estímulos externos foram compensados por um processo interno de criação simbólica. A cartilha “O Tufão” tornou-se um objeto de mediação afetiva e cognitiva, permitindo que a criança elaborasse o trauma

por meio da imaginação – um processo que Damásio reconheceria como exemplo sentimento transformado em conhecimento.

Realmente, as ideias de Damásio justificam essa história, os sentimentos, emoções da criança foram compensados pela sua capacidade criativa – todos aquele contexto de tristeza precisava ser “substituído” – a cartilha “O Tufão” que servia para intermediar afetivamente o processo de cognição, pois, de certa forma lhe trazia sentimentos satisfatório, provavelmente lhe promovia a imaginação, portanto, esse sentimento era transformado em conhecimento.

3. Cognição e Emoção: Uma Experiência Encarnada

A alfabetização espontânea descrita não pode ser explicada apenas por mecanismos racionais. Ela exige uma abordagem que considere o papel da emoção como catalisadora da aprendizagem. A dor da perda, o silêncio da casa, o refúgio na mangueira e a repetição imaginativa de histórias criaram um ambiente interno fértil para a emergência da linguagem. Isso reforça a ideia de que a cognição é encarnada, situada e emocionalmente motivada.

A teoria da emoção construída por **Lisa Feldman Barrett (2017)**, reforça essa perspectiva ao afirmar que “ *As emoções não são inatas, mas construídas. Elas não são universais, e sim formadas por cada cérebro com base em uma combinação de experiências passadas e contexto presente*”. Essa visão tem relação direta com a experiência narrada: a alfabetização teve como base singularmente a emoção da perda acordada com o contexto de isolamento e a memória do único dia de aula. Isso significa que a leitura não surgiu de um processo formal, mas de uma construção emocionalmente situada.

Augusto Soares da Silva (2022) destaca que as “emoções são moldadas pela linguagem e pela cultura, e influenciam profundamente os processos cognitivos”. Essa afirmação é básica para compreender como, mesmo sem saber ler, a criança criava histórias e personagens a partir de um único texto impresso – (A cartilha “O Tufão”). A linguagem, mesmo não decodificada, já operava como mediadora simbólica entre a emoção e a cognição, revelando o poder da cultura e da imaginação na formação do pensamento.

Essa abordagem mostra que a cognição não floresce à parte da emoção, mas que é alimentada por ela – principalmente em contextos de dor, perda e superação. A alfabetização relatada, concordo, portanto, não é um fenômeno isolado, mas parte de uma rede complexa de processos emocionais e cognitivos que se entrelaçam de maneira potente na formação do sujeito.

Jean Piaget – Desenvolvimento Cognitivo

Mesmo que Piaget não tenha focado diretamente nas emoções, sua teoria do desenvolvimento cognitivo retrata como a criança constrói conhecimento baseando-se na interação ambiental. A experiência da criança com a cartilha “O Tufão” certamente pode ser vista como um exemplo de assimilação e acomodação de esquemas mentais, mesmo em um contexto emocionalmente adverso.

Lev Vygotsky – Funções Psicológicas Superiores

Vygotsky dar ênfase ao papel da mediação simbólica (como a linguagem) e do ambiente sociocultural no desenvolvimento cognitivo. A cartilha “O Tufão”, o ambiente familiar preenchido de tristeza e o isolamento emocional funcionaram como mediadores simbólicos que promoveram a aprendizagem da criança. Para ele, emoção e cognição são integradas no processo de internalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou mergulhar na profunda intersecção entre a **cognição e emoção**, tomando como base as perspectivas de Steven Pinker sobre a cognição humana e Antônio Damásio acerca da consciência, à luz de uma experiência pessoal marcante. A análise do Capítulo 6 de “Como a Mente Funciona” de Pinker, “Desvairados”, e do Capítulo I de “Sentir & Saber” de Damásio, “As origens da Consciência”, revelou pontos de convergência e complementares para entender como eventos emocionais profundos podem não apenas influenciar, mas também moldar e impulsionar processos cognitivos complexos.

O caso relatado – o trágico falecimento do pai no primeiro dia de aula, em meio a um cenário de intenso luto familiar e privação de estímulos intelectuais – serve como um poderoso **paradigma contundente** para esta reflexão. A ausência de alfabetização no ambiente familiar e a escassez de materiais de leitura na casa divergem drasticamente com a **aquisição espontânea da leitura e escrita** pela narradora, apenas um ano depois do fato traumático. Este fenômeno, inexplicável pelas vias convencionais de aprendizagem, propõe que o cérebro, sob intensa carga emocional, pode ativar **mecanismos adaptativos e criativos** que transcendem a linearidade da instrução formal.

A imersão imaginativa com a cartilha “O Tufão”, embora sem a capacidade de decodificar as palavras impressas, retrata a **potência da imaginação** e da **narrativa interna** como ferramentas cognitivas. É plausível inferir que o ato de “contar histórias, inventar personagens, criar cenários e desfechos” na mente da criança, durante um período de luto e isolamento funcionou como um **catalisador para o desenvolvimento de estruturas cognitivas** relacionadas à linguagem e à compreensão narrativa. Essa experiência, permeada por um profundo sofrimento emocional, pode ter atuado como um **estímulo singular** para reorganização neural, pavimentando o caminho para a posterior decodificação da escrita.

A perspectiva de **Pinker** nos ajuda a compreender a mente como um sistema computacional adaptado para resolver problemas do mundo real, dotado de módulos e mecanismos inatos. Mesmo que Pinker der ênfase para linguagem como um instinto, o fato em questão aponta para uma **recalibração ou aceleração inusitada desse instinto**, provavelmente mediada urgência emocional. A capacidade de construir narrativas complexas internamente, sem a base formal da leitura, aponta para uma estrutura **pré-linguística ou protolinguística** em ação, que se manifestou de forma plena no momento do reconhecimento da escrita.

As contribuições de Damásio, por sua vez, são primordiais para compreender como as emoções não são meros epifenômenos, mas sim **componentes integrais da cognição e da consciência**. O luto profundo e a experiência traumática do falecimento paterno fomentaram um estado somático e mental particular. Damásio argumenta que as emoções, expressas por mudanças corporais e sentimentos subsquentes, fornecem um **mapa contínuo do estado do organismo**, fomentando diretamente a tomada de decisões e a construção do self. No caso apresentado, o **estado emocional alterado** provavelmente tenha criado um ambiente propício para a plasticidade cerebral e para a configuração das redes neurais envolvidas na linguagem. A necessidade de dar sentido à perda, de processar o caos emocional, possivelmente tenha impulsionado a mente a buscar novas formas de organizar a realidade, e a narrativa imaginativa pode ter sido uma dessas vias.

Em suma, este estudo de caso sugere que **a cognição e a emoção não operam em silos isolados**, mas sim em uma **dança contínua e interdependente**. A experiência do luto intenso, longe de ser um mero obstáculo ao aprendizado, pode ter atuado como um **disparador para processos cognitivos acelerados e não convencionais**, evidenciando a profunda capacidade de adaptação e resiliência do cérebro humano. A aquisição espontânea da alfabetização, neste contexto, não seria apenas um feito cognitivo isolado, mas sim o **desfecho de uma complexa interação entre a dor emocional, a imaginação ativa e a intrínseca capacidade humana de construir sentido e conhecimento**, mesmo diante das adversidades mais profundas. Este fato notável reitera a necessidade de abordagens mais holísticas no estudo da mente, que considerem a indissociável união entre sentir e saber.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Vídeos aulas e ebooks apresentados na disciplina de Neurociências e Competências Digitais – Prof^a . Dra Susane Garrido.
- DAMÁSIO, A. O. Sentir e Saber: As origens da Consciência. Capítulo I. Cia das Letras: (2022) – Acesso em <https://elivros.love/livro/baixar-livro-o-misterio-da-consciencia-antonio-damasio-em-epub-pdf-mobi-ou-online>.
- PINKER, Steven. Como a Mente Funciona. [s.l.]:Cia das Letras, 2000. PDF em [https://www.academia.edu/45190634/Como funciona a mente humana? auto=download](https://www.academia.edu/45190634/Como_funciona_a_mente_humana?auto=download)
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BARRETT, Lisa Feldman. *How emotions are made: the secret life of the brain*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2017.
- PIAGET, Jean. *O nascimento da inteligência na criança*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- Augusto Soares da Silva – *Emoções, Cognição e Variação Cultural* (2022)

